

**OS PARADOXOS NO DISCURSO ARGUMENTATIVO EM *Grande sertão: veredas*.** Grazielle Altino Frangiotti. Jeane Mari Sant’Ana Spera – Letras - Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

Rosa era míope  
mas que óculos de alcance da sensibilidade!  
Enxergava no mistério,  
nos escuros e claros  
patamares do sertão.  
(...)  
Rosa, grande iluminado  
tudo o que tocava  
transformava em luz<sup>1</sup>

João Guimarães Rosa (1908-1967) foi, senão o maior, um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos. Com seu vasto conhecimento lingüístico e vigor poético, o autor de *Grande sertão: veredas* é considerado o maior revolucionador da escrita de língua portuguesa. Dentre vários fatores, tal revolução pode ser explicada não só pela criação e renovação de mais de sete mil vocábulos (PIRES, 1993), mas também e principalmente pela profundidade com que analisava o “homem-humano”.

A vida humana deve ser, para Guimarães Rosa, muito mais que um mero existir, de fato, para ele, deve ser um intenso “ser”, isto é, um ser-tão. Assim, o escritor procura realizar o seu intento levando em consideração suas múltiplas facetas, evidenciando as crenças, o comportamento, os vícios e a filosofia desse sertanejo. Neste sentido, o romance *Grande Sertão* nada mais é que a junção de todos estes elementos em um único personagem protagonista: Riobaldo, tratado por Guimarães Rosa em diversas ocasiões como “meu irmão Riobaldo”, demonstrando a semelhança existente entre eles.

Como já foi dito, o romance em questão é uma obra, sobretudo, metafísica, pois abrange os questionamentos mais complexos, tais quais a existência do mundo, para ele sublime e mágico, e a relevância da vivência humana nesse contexto fantástico. A partir disso, o autor se preocupa em focalizar especificamente dois valores condutores do mundo: o bem e o mal, os quais norteiam toda a base social e originam outros valores. Com isso, é como se eles, além de serem fios condicionantes das relações interpessoais, tivessem o poder de originar outros valores como honestidade, generosidade, justiça e seus respectivos antônimos.

Dessa forma, o autor, por meio de Riobaldo, assume uma perspectiva estritamente maniqueísta, a qual tende a se desfazer no decorrer da obra, a partir de um discurso cercado de paradoxos e antíteses que solidificam a idéia de confusão e mistura. O narrador diz:

[...] fui ponteando opostos. Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados... Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtraz a esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado... (ROSA, 1986. p.206-207)

Neste excerto, podemos notar a visão maniqueísta ansiada por Riobaldo, mas também o seu descarte pelo próprio narrador, assumindo uma perspectiva na qual é obrigado a aceitar essa mistura, ou melhor, essa imposição do mundo.

Com isso, a fusão é o elemento central de leitura da obra, e é ela que norteia o discurso. Portanto, esse mundo misturado, ao nosso ver, constitui a tese defendida no romance. Riobaldo, então, vale-se de estratégias para convencer o interlocutor/leitor dessa mistura do mundo, a qual, diferentemente do

---

<sup>1</sup> DANTAS, Paulo. *Sagarana emotiva: cartas de João Guimarães Rosa a Paulo Dantas*. São Paulo: Duas Cidades, 1975. p.117-121.

apresentado no excerto acima, torna-se positiva, na medida em que o salvará da dívida com o demônio, supostamente feita quando o protagonista era jovem e jagunço.

Levando em consideração o exposto, nosso trabalho é fundamentado nesse viés argumentativo assumido pela trama. Consideramos, assim, que o discurso riobaldiano é repleto de estratégias as quais dão efeito retórico ao texto, contribuindo não só para o embelezamento poético mas principalmente para o reforço a sua tese: “Tudo é e não é”. (op. cit, p.11).

E é a partir disso, que desenvolvemos nosso estudo, buscando dentre essas estratégias, uma que fosse encontrada em todo o discurso de Riobaldo e que, de fato, contribuísse para a instauração e desenvolvimento da persuasão. Constatamos a presença de inúmeras figuras retóricas, mas uma em especial chamou-nos a atenção: o paradoxo. Esta que, inserida na teoria da nova retórica, constitui o que Dante Tringali (1988) definiu como:

[...] modificações da linguagem seja da palavra, seja da frase e tanto no nível da expressão, como do conteúdo [...] tendo como objetivo obter efeito artístico, em outros termos, obter o efeito poético ou retórico ou estilístico da linguagem. (p.121).

Dessa forma, o paradoxo pode ser entendido como uma contradição de idéias em dois níveis: no primeiro, estão os constituídos por idéias contrárias ao senso comum, isto é, aquele paradoxo relacionado ao meio exterior, na medida em que a figura provém da não correspondência entre as crenças do interlocutor e o discurso, estando esse, portanto, no nível da expressão. Já o segundo, no nível do conteúdo, constitui uma aproximação de idéias excludentes dentro do próprio discurso.

Após levarmos em consideração o embasamento teórico acerca deste efeito retórico, extraímos exemplos de paradoxo nos quais detectamos uma relação direta com a dinâmica argumentativa amplamente discutida na obra *A argumentação na comunicação* (BRETON, 1999), obra esta que trata a argumentação como uma “alternativa ao uso da violência física”, instaurando um “vínculo social partilhado e não imposto” (p.7-8). Considerando esta afirmação, pudemos estabelecer a funcionalidade da figura a partir das inúmeras ocorrências da estratégia, das quais alguns exemplos serão apresentados a seguir:

[...] tem o Outro – o figura, o morcegão, o tunes, o cramulhão, o debo, o carochó, do pé-de-pato, o mal-encarado, aquele – o-que-não-existe! Que não existe, que não, que não, é o que minha alma soletra. E da existência desse me defendo, em pedras pontudas ajoelhado, beijando a barra do manto de minha Nossa Senhora da Abadia! (p.282).

Neste excerto temos um par paradoxal muito representativo na obra: o verbo ter – “tem”, com valor de existir e, em seguida, a expressão “o-que-não-existe”. A aproximação feita entre “ter” e “não existir” é muito contraditória, todavia esse paradoxo é explicado pela passagem que o precede “Que não existe, que não, que não, é o que minha alma soletra”, pois este trecho demonstra a profunda confusão de Riobaldo: o narrador precisa acreditar que o demônio não existe, portanto, a sua “alma soletrar” parece ser a repetição de um desejo com o propósito de que, com essa ênfase, ele se concretize de fato, mas, até esse momento, ainda persiste a idéia de que o diabo existe. Podemos notar o reforço desse desespero no sinal de exclamação seguindo a expressão “o-que-não-existe”, demonstrando que Riobaldo, no início dessa fala, discorre sobre o demônio como se ele fosse uma entidade, tanto que a antonomásia, “o Outro”, confirma essa personificação. Entretanto, o narrador parece, de súbito, tomar consciência do que estava dizendo e nega a existência do demo. Faz isso, ao nosso ver, porque está confuso sobre sua existência, mas não pode deixar que o seu interlocutor note essa indecisão, já que isso poderia prejudicar a argumentação de Riobaldo, colocando em risco a persuasão; por isso corrige seu “erro”, dizendo que o “tal” não existe.

Esse paradoxo confirma a argumentatividade do discurso riobaldiano à medida que essa confusão reflete o que Riobaldo anseia comprovar, isto é, a mistura das coisas. Assim, esse pensamento confuso, mas coerente, intensifica-se com o emprego do paradoxo.

Passemos para um segundo exemplo, verificando a atitude paradoxal na fala de um outro sertanejo, chamado Ornelas:

-“O sertão é bom. Tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado.” – ele seo Ornelas dizia – “O sertão é confusão em grande demasiado sossego...”(p.423).

Neste trecho, temos uma passagem interessante acerca do paradoxo tomado de outro personagem. Aqui também é possível enxergar a figura retórica como um elo entre a linguagem e sua relação com a vida humana, pois o par “confusão” e “grande demasiado sossego” traz ao discurso um questionamento subjacente: “Como pode o sertão ser confusão e concomitantemente sossego?”, mas essa questão ganha uma resposta que vai além do sertão como um espaço. Não podemos esquecer que ele percorre a existência humana, dessa maneira, ao mesmo tempo que um homem pode ser tranqüilo em suas ações, ele pode guardar dentro de si uma grande confusão. E é justamente essa a vida de Riobaldo, um homem que um dia já foi jagunço e hoje, depois de ficar mais velho, procura sossego, mas só encontra dúvidas e incertezas. Acreditamos que a fala de seo Ornelas reforça a visão de que Riobaldo possui tranqüilidade, mas junto a ela tem-se um homem marcado pela confusão de crenças. Assim, traz-se o sossego e a confusão para o plano da nossa complexa vida, marcada por ambas as sensações, as quais podem ocorrer em concomitância. Essa proposição marca o discurso argumentativo de Riobaldo, pois, ao nos vermos nessa visão, estamos aderindo às idéias de Riobaldo e compactuando com sua argumentação.

Outro exemplo é o seguinte:

[...] a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo. O inferno é um sem-fim que nem não se pode ver. Mas a gente quer Céu é porque quer um fim: mas um fim com depois dele a gente tudo vendo. (p.56).

Neste segmento ficam evidentes as idéias paradoxais estabelecidas entre os pares extraídos “não existe – toma conta de tudo” ou ainda “sem-fim – não se pode ver e, finalmente, “fim com depois dele a gente tudo vendo”. É interessante notar como as idéias não só são paradoxais como são completamente excludentes. Parece, por exemplo, ser impossível estabelecer um vínculo entre “fim” e “depois dele a gente tudo vendo”, pois a idéia de fim remete justamente ao acabamento de todas as coisas. Dessa forma, como depois do fim, nós ainda poderemos ver?

De fato, é aí que o narrador demonstra saber conduzir a narrativa, pois, se o ouvinte olhar para o discurso como reflexo da nossa vida, perceberá que realmente em nosso cotidiano o fim da vida está veiculado ao início de uma outra, pois, independentemente da religião, são raras as pessoas que crêem que a morte é o fim de tudo. Dessa forma, o Céu representaria o novo início, após o fim. Fazendo uma ligação com a teoria argumentativa, temos aqui o que Breton denominou “duplo gatilho argumentativo” (1999, p.67), pois em um primeiro momento as colocações contraditórias despertam uma curiosidade do interlocutor pela originalidade estrutural, enquadrando o ouvinte, e, em seguida, ao revelar uma significação simples, mas intrinsecamente ligada a este interlocutor, temos um reenquadramento do real. Por conseguinte, um real, ao qual o interlocutor era completamente avesso, torna-se verdadeiro, o que efetua a argumentação.

Concluimos, com a análise dos resultados, que o discurso do narrador é tomado por uma atmosfera paradoxal que, ora inserida em suas falas, ora retirada da fala de outras personagens, certifica que o mundo é realmente muito misturado, tanto que idéias completamente eqüidistantes podem se aproximar sem, contudo, deixarem de ser extremamente coerentes e verossímeis. Além disso, o uso do paradoxo confere ao discurso um certo grau de estranhamento que se converte rapidamente em persuasão, ao passo que primeiro prende a atenção do leitor/interlocutor e, depois, revela uma significação interessante e estritamente relacionada a nossa vida. O que, de acordo com o próprio Guimarães Rosa em carta a Lorenz, constitui o seu lema:

A linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho da sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem deve evoluir constantemente. Isto significa que, como escritor, devo prestar contas de cada palavra e considerar cada palavra o tempo necessário para ela ser novamente vida. (p.340).

## Referências bibliográficas

BRETON, P. **A argumentação na comunicação**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

PIRES, J. A. **João Guimarães Rosa**: uma literatura almada. Braga: Franciscana, 1993.

LORENZ, G. W. **Diálogo com a América Latina**: panorama de uma literatura do futuro. São Paulo: EPU, 1973.

ROSA, J.G. **Grande sertão: veredas**. 21.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

TRINGALI, D. **Introdução à retórica**: a retórica como crítica literária. São Paulo: Duas Cidades, 1988.